

Processos de automação na arte e o esvaziamento da personalidade artista¹

Rafaela Valentini Esequiel²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP

RESUMO

O presente artigo explora questões sobre tempo, trabalho e ócio, discorrendo sobre um contexto contemporâneo que busca cada vez mais a automação do trabalho para garantir um maior tempo de ócio; contudo, além de existir uma cobrança de produtividade em relação a esse suposto ócio, cada vez mais essas mesmas atividades incentivadas nesses períodos estão sendo sequestradas por processos de automação, como é possível identificar nas recentes polêmicas de produções artísticas em geral por ferramentas de inteligência artificial. Alguns dos principais autores que auxiliam nessa discussão são Hartmut Rosa, Jonathan Crary e Axel Honneth.

PALAVRAS-CHAVE: tempo; trabalho; inteligência artificial; criatividade; reconhecimento.

Cada intervalo de tempo transcorrido é um período que deve ser aproveitado, seja para um desenvolvimento profissional, pessoal ou social. Um segundo não aproveitado para se produzir é um segundo desperdiçado. Esse pensamento apresenta fortes influências da ética protestante e foi ainda mais intensificado pelo capitalismo. Em alguns fragmentos encontrados de comentários de Benjamin sobre a obra de Baudelaire já identificamos uma associação que coloca que a “rigorosa moral calvinista do trabalho estaria certamente em estreita relação com a desvalorização da *vita contemplativa*” (BENJAMIN, 2017, p. 332).

O tempo, dessa forma, é aproveitado mesmo na atividade ociosa como uma variação do trabalho, seja do corpo ou da mente. É aí que se apoia Rosa (2019) ao trazer a ideia de aproveitamento do tempo, mesmo que ocioso, através do trabalho, extraíndo o máximo de utilidade possível e eliminando o ‘desperdício’ do tempo.

O controle do aproveitamento do tempo é uma das principais características do fenômeno de disciplinarização da sociedade. Desde pequenos, os membros da sociedade são ensinados de que existe um horário e um período certo para se alimentar, ir ao banheiro, trabalhar, relaxar e dormir. A importância de se ter uma rotina minimamente

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 19 - Experiências lúdicas mediadas & entretenimento multiplataforma, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Estudante de Doutorado 4º. semestre do Curso de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, e-mail: rafaela.essequiel8@gmail.com

pré-definida é ressaltada inclusive por psicólogos para que se tenha uma maior organização da própria vida e se possa otimizar as funções e a realização de suas aspirações; “a moderna “sociedade disciplinar” desenvolve sua força disciplinadora e de coordenação basicamente através do estabelecimento e da internalização de estruturas temporais” sendo instituições como cadeias, escolas, empresas e hospitais – entre outras – regidas principalmente através da regulação do tempo de seus indivíduos (ROSA, 2019, p. 15-16).

Rótulos como sociedade do cansaço e ditadura da informação são frequentemente utilizados para descrever o momento atual em que nos encontramos. Um mundo marcado por um excesso cada vez maior de estímulos, onde precisamos estar o tempo todo atentos para captar o máximo possível de informações e das mais diversas fontes, nos envolve de forma imersiva e claustrofóbica; somos incentivados a viver infinitos modelos de vida dentro do período de apenas uma. Parece que nunca antes tivemos tantas possibilidades, o que por um lado é extremamente encorajador, mas por outro, indubitavelmente sufocante, onde ao invés de nos sentirmos mais confiantes para tomarmos decisões, sentimos que estamos nos afogando em meio a processos cada vez mais acelerados; o tempo e tudo o que ele abrange está correndo e nós, por mais que tentemos acompanhá-lo, mal conseguimos ficar no lugar que estamos, quanto menos alcançá-lo. Esse cenário não surgiu junto com a pandemia, pelo contrário, ele já vem sendo discutido dentro da academia há décadas; a pandemia apenas nos forçou a olhar com mais cuidado para ele.

Esse movimento de supervalorização da atenção para captar todos os estímulos possíveis vem de uma tradição de séculos e, somente a partir de Nietzsche, principalmente, começamos a questionar tal ideal. A atenção e, junto com ela, a memória, são de fato importantes para a constituição e o desenvolvimento do sujeito, contudo só elas não bastam; faz-se necessária também a dispersão e o esquecimento para criar-se o novo. A criatividade e a disrupção tão almejadas no contemporâneo só são possíveis se nos permitirmos experimentar o presente e, para isso, é preciso uma certa abstração e um relaxamento, onde em vez de coletarmos dados, estamos nos deixando afetar por eles. Esse ato parece arriscado, e de fato é, o que pode ser assustador em uma sociedade que busca estar o tempo inteiro no controle de si, mas essa entrega ao oblívio e esse desprendimento da lógica utilitarista nos parece fundamental para atingirmos essas metas que proclamamos nesses discursos.

Contudo, por mais que tais discursos mostrem um apreço a esse desenvolvimento que chamamos de ‘humano’ da criatividade, cada vez mais estamos delegando tais produções a elementos não humanos. Com o desenvolvimento exponencial da inteligência artificial, vemos recorrentemente propostas de colocar tais ferramentas para produzir, por exemplo, textos, músicas e filmes, materiais que a princípio considerávamos como fonte de cultura e criatividade humana. Qual o sentido, então de demandarmos sujeitos mais criativos e com vasto repertório de experiências se a produção que estamos pretendo incentivar provém de máquinas? Nos parece então de significativa relevância estudar tal fenômeno com o objetivo de esclarecer o melhor que pudermos os caminhos que estamos trilhando.

A indústria cultural é um grande ator nas dinâmicas que regem as sociedades, servindo como formadores de modos de pensamento e cultura. Adorno e Horkheimer descrevem bem o grande poder que a indústria cultural exerce em seu livro *A Dialética do Esclarecimento* (1985). Porém, dentro mesmo da Escola de Frankfurt temos pensadores como Walter Benjamin que não nos deixa cair em cego pessimismo e consegue apontar vertentes ainda críticas dentro desse meio. Esse pensamento crítico provém de sujeitos que se desenvolveram e se propuseram uma atividade de esclarecimento crítica para produzir conteúdos culturais que fogem dessa estrutura manipuladora capitalista neoliberal que costumamos ver na indústria. Entretanto, se agora com a inteligência artificial quem produzirá tais conteúdos culturais será as máquinas que são propriedade das indústrias, qual o espaço que sobrar para a produção crítica?

Honneth (2011) coloca que a teoria crítica deve ser atualizada para as dinâmicas da realidade atual para podermos identificar alguma possibilidade de transcendência intramundana, de emancipação, dentro do contexto objetivo em que nos encontramos, porque se não, qual o sentido de uma crítica se não há uma ‘saída’? Enquanto grande parte da primeira geração da Escola de Frankfurt, liderados principalmente por Horkheimer e Adorno, levam a teoria crítica para uma perspectiva negativista com o crescimento dos sistemas megatécnicos fora de controle e a autonomização do governo de sistema, acarretando em um esvaziamento da personalidade humano e uma conseqüente desumanização, Habermas, por outro lado, leva a teoria crítica a uma outra direção com sua teoria da comunicação, abrindo espaço para uma esfera emancipadora da ação, colocando a condição para o progresso social na interação social, na

comunicação como ação. Contudo, Honneth ainda identifica uma falha na proposta de Habermas, que consistiria na falta de uma relação clara entre a prática e a teoria das proposições de sua teoria da comunicação: que experiências de tipo sistemático e que fenômenos em geral testemunham cotidianamente a conformidade empírica e prática com a sua crítica teórica?

Para Honneth (2011), a instância prática em que se apoia a perspectiva normativa da realidade social de Habermas não se reflete nas experiências morais dos sujeitos implicados, já que eles percebem as regras como um prejuízo de suas expectativas morais: as restrições das regras linguísticas não são vistas como dominadas intuitivamente, mas sim, como uma lesão às suas pretensões de identidade, adquiridas mediante o processo de socialização, inviabilizando, portanto, a caracterização aí de um ‘verdadeiro’ processo de emancipação; Honneth não descarta a teoria de Habermas, mas apenas alerta para não se equiparar simplesmente o potencial normativa da interação social com as condições linguísticas de um entendimento livre de domínio. As experiências morais não se originam através das restrições das regras linguísticas, mas sim através das reivindicações de identidade adquiridas durante a socialização. A motivação pelo comportamento de protesto social não se baseia na orientação por princípios de moral formulados positivamente, mas sim pela experiência de violação de ideias de justiça adquiridas intuitivamente, ideias essas que estão relacionadas às ideias de dignidade própria, honra e integridade.

Generalizando, podemos ver na questão do reconhecimento social a condição normativa de toda ação comunicativa: temos aqui a expectativa do reconhecimento tido como merecido. Assim, Honneth (2011) postula que as condições normativas de interação social não podem ser compreendidas em toda sua amplitude se apenas se basearem nas condições linguísticas de um entendimento livre de domínio, mas deve então ser levado em conta a suposição do reconhecimento social como aquilo que os sujeitos vinculam às expectativas normativas com o estabelecimento de relações comunicativas. A experiência do reconhecimento se apresenta como condição para o desenvolvimento da identidade do ser humano em conjunto; dessa forma, sua ausência, ou seja, o desprezo, vem acompanhada necessariamente de um sentimento de ameaça de perda da personalidade. Assim, Honneth coloca como ‘falha’ na teoria de Habermas o foco na teoria linguística em detrimento da teoria do reconhecimento no desenvolvimento de sua teoria da

comunicação. Honneth (2011) coloca, ainda, que o centro de atenção não deve ser as tensões entre o mundo da vida e sistema, mas sim as causas sociais que são responsáveis pela violação sistemática das condições de reconhecimento. Dessa forma, como deveria estar constituída uma cultura moral que dera aos afetados, aos desprezados e aos excluídos, a força individual de articular suas experiências no espaço público democrático em vez de vive-lo em contraculturas de violência?

A greve dos roteiristas que se deu entre maio e setembro de 2023 ilustra um pouco algumas das questões da precarização do trabalho através de fatores como o desenvolvimento de ferramentas de inteligência artificial que prometem ‘substituir’ os trabalhadores – os quais serviram meramente de ‘fiscais’ para fazer pequenos ajustes e correções nas obras produzidas por tais ferramentas –, e a falta de uma atualização de contrato referente ao pagamento dos resíduos das reproduções através dos streamings – comprometendo uma parcela significativa de ganhos que deveriam ser repassados. É possível olhar para esses movimentos sob a ótica da teoria do reconhecimento de Honneth. Pode-se perceber um sentimento de desprezo e de ameaça dos roteiristas frente à crescente supervalorização da inteligência artificial. Uma forma encontrada aqui de reagir foi através da greve, porém, podemos lembrar de outras formas de reações ao retornarmos ao começo da revolução industrial com o movimento ludista que consistiu em trabalhadores que se sentiram afetados pelo desenvolvimento das máquinas e perderam seus empregos e revoltaram-se, reagindo invadindo as fábricas e destruindo as máquinas. As causas sociais que estabelecem essa atmosfera de ameaça e desprezo de parcela da sociedade resultam em contrarreações que podem adquirir diversas formas de protestos como greves, passeatas e, inclusive, reações mais violentas.

É possível perceber aqui uma precarização e desvalorização do trabalho do roteirista dentro do mercado cinematográfico. No momento em que seu trabalho não é devidamente remunerado e passa a ser considerado como ‘facilmente substituível’ pelo trabalho de uma máquina, há um esvaziamento da personalidade ‘roteirista’ e seu valor criativo se torna injustiçado. A intersubjetividade construída na interação social é destruída, impedindo a autorrealização do sujeito. É através dessa negação do reconhecimento do roteirista que desenvolve-se uma indignação que culmina nas lutas sociais como a greve que estamos considerando aqui. Se a princípio essa greve não foi muito levada a sério, depois, com o passar de meses e o crescente apoio que os roteiristas

obtiveram, principalmente através de grandes atores que trouxeram maior visibilidade à causa, tal fenômeno se mostrou significativamente impactante dentro do cenário cinematográfico.

Partindo desse fenômeno, é possível perceber como a discussão proposta por Honneth com sua teoria do reconhecimento ainda é muito atual, principalmente com o avanço de tecnologias como a inteligência artificial. Tais tipos de ferramentas corroboram para a criação de ‘processos sem sujeito’, fazendo uso aqui da expressão utilizada por Olgária Matos. São processos como esses que contribuem para o sentimento de desprezo de indivíduos na sociedade e abrem espaço para o surgimento de lutas sociais que buscam reafirmar o valor e o reconhecimento tidos como merecidos. As novas estruturas que estão sendo criadas pelo mundo digital se mostram intrinsecamente ligados com as discussões da ética frankfurtiana, sendo imprescindível ter à mão teorias como a de Honneth para melhor lidar com os novos desafios que estão por vir.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ALLIEZ, Éric; LAZZARATO, Maurizio. **Guerras e capital**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

CRARY, Jonathan. **24/7** Capitalismo Tardio e os Fins do Sono. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

CRARY, Jonathan. **Suspensões da Percepção**. Atenção, espetáculo e cultura moderna. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador**. Visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

DARDOT, Pierre; LAVAL Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. **Capitalismo em debate**, uma conversa na teoria crítica. São Paulo: Boitempo, 2020.

GEMES, Ken; RICHARDSON, John; et al. **The Oxford Handbook of Nietzsche**. New York: Oxford University Press, 2016.

HONNETH, Axel. **La sociedad del desprecio**. Madrid: Editorial Trotta, S.A, 2011.

KLOSSOWSKI, Pierre. Introdução. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Le gai savoir**. Paris: Editions 10/18, 1957.

LEOPOLDO e SILVA, Franklin. **Conhecimento e Razão instrumental**. Psicologia USP: São Paulo, v.8, n.1, p.11-31, 1997.

MATOS, Olgária. Paris 1968. **As Barricadas do Desejo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PALHARES, Taisa Helena Pascale. **Aura**: a crise da arte em Walter Benjamin. São Paulo: Editora Barracuda, 2006.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**. A transformação das estruturas temporais na Modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ROSA, Hartmut. **Alienation and Acceleration**. Towards a critical theory of late-modern temporality. Helsingfors: NSU Press, 2014.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Édipo e o anjo**. Itinerários freudianos em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1990.